



## 10º Congresso de Pós-Graduação

### ACULTURAÇÃO EM POPULAÇÃO TRADICIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Autor(es)

---

TARITA SCHNITMAN

Orientador(es)

---

ODALÉIA MARCONDES TELLES DE QUEIROZ

#### 1. Introdução

---

A antropóloga Eunice Durham (2004) explica que a noção de comunidade refere-se a uma coletividade na qual os participantes possuem interesses comuns e estão afetivamente identificados uns com os outros. Essa idéia nos tempos atuais tornou-se quase impossível, pois o ideal que ela representa contradiz a realidade contemporânea coberta de conflitos de interesses e de impessoalidade nas relações sociais. Uma comunidade é o oposto da hostilidade, da competição e o domínio. Isso não quer dizer que uma comunidade está sempre em harmonia, mas seus conflitos se desenrolam em um universo comum. Comunidade significa viver num mesmo mundo integralmente presente em cada indivíduo, ou seja, a participação de todos em uma mesma cultura (DURHAM, 2004).

Para Redfield (1971, apud DIEGUES, 1998) a cultura tradicional não indígena, a das sociedades camponesas, ela não é autônoma, pois para manter-se como tal, a cultura camponesa continua em comunicação com outra cultura que pode ser nacional ou urbano-industrial. Ou seja, essas culturas tradicionais estão sempre intercambiando informações com outras culturas. Diegues (1998) enfatiza aspectos importantes inerentes a populações tradicionais associadas a modos de produção pré-capitalistas onde o trabalho ainda não se tornou mercadoria. Possuem atividades econômicas de pequena escala como extrativismo, pesca, artesanato coleta e agricultura. Esses aspectos fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. No Brasil o remanescente de florestas é encontrado em regiões onde houve pouca urbanização e falta de acesso a tecnologia, unidos a uma convivência mais harmoniosa entre populações tradicionais e natureza. Quando se fala na importância das populações tradicionais na conservação da natureza, está implícito o papel preponderante da cultura e das relações homem-natureza.

A cultura pode ser considerada uma herança social das pessoas. Para Morin(2002) a cultura abre potencialidades bioantropológicas de conhecimentos fornecendo aos indivíduos o seu saber acumulado e também fecha e inibe potencialidades com suas normas, suas regras e proibições. A natureza poderia ser tudo que surgiu por via natural independente da vontade e desejos dos homens. Neste trabalho adota-se a abordagem antropológica da cultura acordada entre os neo-evolucionistas. Sahlins, Harris e Carneiro afirmam que a tecnologia, a economia de subsistência e os elementos de organização social diretamente ligadas à produção constituem o domínio mais adaptativo da cultura. [...] (Laraia,1986).

#### Aculturação

Não obstante, a cultura é flexível e se transforma. Isto ocorre por que o indivíduo não é obrigado a manter o que foi herdado socialmente, há uma certa medida de livre arbítrio. Ou seja, o indivíduo não está condenado a submeter-se ao que lhe foi destinado por seus antepassados. O herdeiro deve ter criatividade para transformar a cultura. Segundo Edgar Morin (2008), as interações cognitivas dos indivíduos também regeneram a cultura. A cultura, então, não é rígida e tão pouco, imutável. Dessa forma, a palavra aculturação é complicada e conflitiva.” “Recusar o desenvolvimento é assumir seu próprio destino e não estagná-lo ou retardá-lo..” Ou seja, essas populações não se aculturam, mas passam por um processo de adaptação e regeneração, onde as mudanças são bastante presentes. O processo é uma coabitação, podendo ser um resultado de resistência declarada ou uma sobrevivência passiva. São resultados sempre transitórios e no percurso ocorre um movimento de ruptura e também continuidade da tradição. Segundo Cuche (2004) não existem, conseqüentemente, de um lado as culturas “puras” e de outro, as culturas “mestiças”. Todas, devido ao fato universal dos contatos culturais, são, em diferentes graus, culturas “mistras”, feitas de continuidades e descontinuidades.

## 2. Objetivos

---

Averiguar se o turismo é prejudicial a população tradicional e se é um fator de aculturação dentro dos conceitos atuais da antropologia no Brasil. A pesquisa envolveu observação de campo, aplicação de questionários e entrevistas durante dois anos na comunidade do Mandira.

## 3. Desenvolvimento

---

### Remanescentes de Comunidades de Quilombo

Apesar de tantas mudanças políticas e territoriais no Vale do Ribeira-SP, muitas comunidades de remanescentes de quilombos habitam a região. O art. 216 da Constituição Brasileira de 1988 expressa:

O termo “quilombola” é aplicado a toda comunidade negra rural que agrupa descendentes de escravos, vivendo em uma cultura de subsistência onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado (Garavello et al, 2008). Muitos quilombolas persistiram em continuar com a atividade agrícola tradicional no Vale do Ribeira em áreas de difícil visibilidade ou acesso para o controle da guarda florestal. Nas comunidades ocorreram transformações no modo como elas se relacionavam com as suas tradições e costumes.

### Turismo no Vale do Ribeira

Para Januário (apud BONFIM,2010:20) o turismo é:

[...] um fato coletivo que produz o desenvolvimento de instituições, relações sócio-políticas e econômicas complexas; um conjunto de questões financeiras, técnicas e culturais e de relações psicossociais, além de um mercado composto de mercadorias, bens e serviços materiais e imateriais intrinsecamente relacionados.

O turismo é um deslocamento de pessoas motivado pela busca de entretenimento, negócios, visita a amigos. As Organizações Não-Governamentais (ONGs) foram responsáveis por grande parte dos projetos turísticos no Vale do Ribeira. Foram parcerias firmadas entre o terceiro setor e o governo do estado de São Paulo. Em 1995 a Empresa Brasileira de Turismo- EMBRATUR, criou o projeto “Pólo Ecoturístico do Lagamar” apoiado pela World Wide Fund (WWF). Já em 2004, o Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local do Vale do Ribeira- CONSAD instituiu uma câmara técnica de turismo. Porém, o mais grandioso projeto que já aconteceu na região foi no ano de 2005, o “ Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na região da Mata Atlântica”, uma parceria entre o BID e o governo do estado de São Paulo, uma proposta de 15 milhões de reais em investimentos.

No Brasil, por volta de 1980 o turismo é influenciado pelo movimento ecológico e debates sobre desenvolvimento sustentável. Em 2000, as organizações Blue Flag, Green Globe, CASTA, Kiskeya Alternativa, ISO 14000, SOS Mata Atlantica (Brazil), WWF, Conservation International fizeram parte de um encontro internacional que culminou no Mohonk Agreement, um documento estabelecendo os princípios do ecoturismo e programas de certificação ambiental. O Ecoturismo é um segmento da atividade turística que trata de minimizar os impactos sócio-culturais e ecológicos propiciando benefícios econômicos para a comunidade local, com foco em área natural protegida que estimula os turistas a compreensão, apreciação e consciência ambiental/cultural (SCHNITMAN, 2006). O segmento é apropriado para pequenas comunidades, reservas de desenvolvimento sustentável, assentamentos e famílias rurais.

No entanto, governos, ONGs e empresas privadas utilizam o termo “ecoturismo” de forma indiscriminada como ferramenta de marketing para seus projetos e empreendimentos e esse fator causa grande preocupação para os estudiosos que estão preocupados com a adequação dos critérios do segmento. Nota-se que não faltaram projetos turísticos para o Vale do Ribeira e a determinação do governo e ONGs em tornar a região um destino ecoturístico. Após as diversas oficinas e cursos em ecoturismo realizados na região ao longo dos anos, a população está bastante integrada à atividade turística.

## 4. Resultado e Discussão

---

### Comunidade do Mandira

O estudo de caso foi realizado na comunidade Quilombola do Mandira localizada no litoral sul do Estado de S.Paulo. Em 1868 os Mandiranos, residentes da comunidade do Mandira, vêm produzindo e reproduzindo sua cultura material e simbólica. Os principais cultivos eram a mandioca, milho e arroz, sem o uso de agrotóxicos. Esta comunidade tradicional nunca viveu descontextualizada da

produção agrícola regional. Recriaram formas de viver que incluem novas atividades produtivas incrementadas por experiências tecnológicas e organizacionais como o cultivo de ostras e o turismo. Relatos de entrevista confirmam a importância do cultivo da ostra e a criação da cooperativa COOPEROSTRA. Atualmente, a comunidade possui 21 famílias. A COOPEROSTRA é um orgulho para seus cooperados. A cooperativa foi indicada como finalista para o prêmio Iniciativa Equatorial 2002 organizado pelas Nações Unidas. Após esse prêmio, o Presidente da República decretou a criação da Reserva Extrativista do Mandira em 2002 localizada no complexo lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá (MMA, 2010).

A comunidade participa de feiras regionais, já participou do Salão de Turismo e fez parte do circuito turístico da agricultura familiar de Cananéia em 2005. Pessoas de todas as partes comparecem a anual Festa da Ostra. A comunidade recebe turistas em distintas épocas de escolas, pessoas da região e grupos interessados na sua organização social. Há um restaurante e um bar que oferecem refeições a base de ostras e os visitantes podem passear de barco pelo manguezal da Reserva onde as ostras são cultivadas em viveiros. O galpão de artesanato é um atrativo para a venda de artesanato de produtos. A cachoeira do Mandira, a agrofloresta, uma ruína histórica da época da escravidão e sambaquis englobam a atração local. De tal maneira o ecoturismo estimula o processo de valorização das tradições, da culinária e da história. A mulher desempenha funções no receptivo turístico, na alimentação, no artesanato, entre outros. Em Mandira, alguns jovens se envolvem com atividade e talvez esse seja um motivo para permanecerem no campo. A venda desses produtos complementa a renda mensal aumentando a auto-estima das pessoas e valorização do estilo de vida local. Percebe-se a importância do ecoturismo neste território envolto de áreas protegidas e restrições ambientais onde seus moradores foram proibidos de praticar suas atividades tradicionais e incentivados a cultivar a ostra e a formalizar uma cooperativa.

## 5. Considerações Finais

---

As interferências governamentais e de ONGs enquanto projetos desenvolvimentistas podem desorganizar a cultura de uma população tradicional, porém, esse processo tem origem na uniformização cultural, na globalização e na cultura de massa. O processo em sua essência reside no capitalismo. Muitas culturas tradicionais brasileiras estão articuladas com o capitalismo e o processo de aculturação é algo contínuo. Esse é o caso da comunidade do Mandira que explora a ostreicultura, o turismo e a venda de produtos da agricultura familiar em feiras. O ecoturismo é uma atividade econômica causadora de transformações e impactos sociais, mas os Mandiranos já absorveram hábitos urbanos e a necessidade do acúmulo de bens materiais.

Torna-se uma tarefa difícil avaliar se projetos ecoturísticos em comunidades quilombolas são positivos ou negativos pois, isso depende das condições do território quilombola e as relações com o mercado e a vida urbana. Por esse motivo, é importante considerar que muitas comunidades remanescentes de quilombo do Estado de São Paulo estão localizadas no centro econômico do Brasil, sendo muito difícil isolá-las de um capitalismo crescente e devastador. A grande pressão governamental e de ONGs em inseri-las no mercado mostra-se nos tantos projetos desenvolvimentistas citados anteriormente. Muitos desses projetos estimularam a atividade turística em parques e territórios quilombolas, pois há um forte interesse em “desenvolver” a região. O turismo é uma atividade econômica e é incoerente ignorar os interesses capitalistas por trás dela. Entretanto, o trabalho também demonstrou que a cultura é flexível e passível de transformações, sendo esse um consenso entre sociólogos e antropólogos respeitados. Ou seja, a atividade turística é exógena, mas ela pode ser um tanto benéfica para a comunidade tradicional em forma de resgate cultural e reprodução social no que tange a solidariedade entre as pessoas e alternativas de renda. Também um fator de reconstrução social, melhoramento das condições de vida da comunidade e preservação ambiental. O ecoturismo pode resgatar o modo de vida garantindo à homens e mulheres referências sociais que reorganizam ou reconstróem costumes e tradições. Para a comunidade quilombola o seu território que se tornou destino turístico continua sendo um locus de representações e do imaginário mitológico, mas pode ser também um espaço de reprodução econômica, das relações sociais e o resgate de todo um sentido cultural.

Contudo, não se aconselha desenvolver a atividade turística em uma comunidade quilombola pouco influenciada pelo capitalismo. Por outro lado, com todas características socioeconômicas do Vale do Ribeira e as interferências de ONGs e do governo, percebe-se os possíveis benefícios do ecoturismo. A comunidade do Mandira é um exemplo. Seus membros estão preservando a cultura e têm orgulho do que fazem e de suas conquistas como comunidade.

## Referências Bibliográficas

---

- BONFIM, Altino: O ambiente conflituoso do ecoturismo na Chapada dos Veadeiros. ANNPAS. II Encontro da ANPPAS. Indaituba, 2004.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. EDUSC, Bauru: 2004.
- DIEGUES, A.C.S. O Mito Moderno da Natureza Intocada. Hucitec, SP:1998

- 
- DURHAM, Eunice R. A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia. Cosac Naify, SP: 2004.
- GARAVELLO et al . Artesanía con fibra de banano en la perspectiva de la multifuncionalidad en comunidades quilombolas. Interciencia (Caracas) , 2008.
- GARCIA, T.R. Impactos da Implantação da Cooperostra. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo, Pirassununga:2005.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito Antropológico. Zahar, Rio de Janeiro:1986.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Plano de Manejo Participativo Reserva Extrativista do Mandira Cananéia/São Paulo:2010.
- MORIN, Edgar. A Cabeça Bem Feita. Bertrand, Rio de Janeiro:2002.
- PERROT, Dominique. Quem Impede o desenvolvimento “circular”? (Desenvolvimento e povos autóctones: paradoxos e alternativas). Cadernos de Campo. São Paulo:2008.
- SANTOS, B. S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. Cortez, São Paulo:1997
- SCHNITMAN, Tarita. Ecotourism, Hotels and Community: a case study of Lençóis, Brazil. Master Thesis. University of Haifa, Israel: 2006.
- TODESCO, Carolina. Estado e Terceiro Setor na Organização do Espaço para o Turismo no Vale do Ribeira. Monografia de Mestrado. USP, São Paulo:2007.